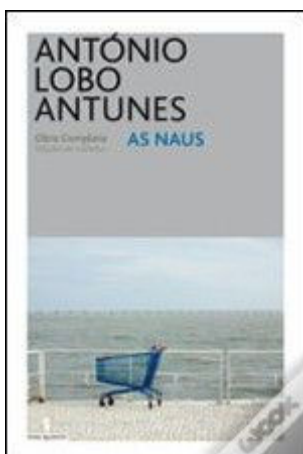


Identidade, história, paródia e desterritorialização: uma viagem n'*As Naus* de António Lobo Antunes¹

Urbano Cavalcante da Silva Filho*

A desilusão, para mim, foi andar três anos e trabalhar tantas horas e parir uma coisinha deste tamanho.

António Lobo Antunes



Considerações iniciais

As Naus, texto narrativo do português António Lobo Antunes (nascido em 1942 e, atualmente, é residente em Lisboa, Portugal), trata da história de Portugal contada através do regresso das caravelas que trazem de volta os portugueses na pele de retornados depois da Revolução dos Cravos de 1974. Essa história de retorno à pátria, dos habitantes dos países africanos recém-independentes, após a “revolução de Lixboa”, é narrada de forma interferida e revisitada. O autor, através do processo da parodização, intenta desconstruir, satirizar, carnavalizar² a tradição épica de Portugal, o discurso histórico e os registros linguísticos que caracterizam e sustentam a narrativa oficial daquela nação. É através desse olhar paródico que Lobo Antunes coloca em xeque a questão identitária do povo português. Para isso, desmitifica figuras históricas e, assim, mostra a história de um povo em busca da construção de uma nova identidade, pois a que possuem, após o retorno, já não traduz um verdadeiro sentimento de pertença.

Nesse breve texto, pretendo discutir como Lobo Antunes, fazendo uso do que a crítica canadense Linda Hutcheon (1991) cunhou de metaficção historiográfica, problematiza o discurso histórico e permite uma reflexão acerca da constituição identitária do indivíduo na contemporaneidade.

¹ Trabalho apresentado na Sessão de Comunicação Oral “Sátira e Representação dos Sentidos em Pessoa e A. Lobo Antunes” do III Seminário de Teoria e História Literária: *Convergências Literárias*, ocorrido na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, em Vitória da Conquista – BA, entre os dias 25 e 28 de agosto de 2007.

* Mestre em Cultura e Turismo pela Universidade Federal da Bahia/Universidade Estadual de Santa Cruz (UFBA/UESC), Mestrando em Letras: Linguagens e Representações (UESC), Especialista em Leitura e Produção Textual (UESC), Licenciado em Letras (UESC), Docente de Língua Portuguesa, Literatura e Produção Textual do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA), Campus de Valença – BA. E-mail: urbanocavalcante@yahoo.com.br. *Curriculum vitae*: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.jsp?id=K4559489Z2>

² Utilizamos o termo *carnavalizar* lançando mão da teoria crítica da carnavalização proposta por Mikhail Bakhtin em *Problemas da Poética de Dostoiévski* (2008). Essa forma crítica defende que há textos literários que foram elaborados sob o signo da carnavalização. Esses textos mostram a cultura de um povo em seus efeitos cômicos e paródicos, manifestados nos rituais do riso, na busca do grotesco.

A parodização do triunfalismo épico

Ao parodiar o discurso histórico luso, Lobo Antunes não destrói o passado, mas o faz dialogar com o presente, já que, segundo Hutcheon (1991), a reescritura crítica do discurso histórico – isto é, a paródia – não significa “apagar” o passado; antes, parodiar é sacralizar o passado e questioná-lo ao mesmo tempo. É como se se sentisse a sensação de presença do passado, e esse passado somente fosse conhecido através de textos e vestígios. Toda essa atmosfera tem como fulcro a metaficção historiográfica que se “aproveita das verdades e das mentiras do registro histórico (...) certos detalhes históricos conhecidos são deliberadamente falsificados para ressaltar as possíveis falhas mnemônicas da história registrada e o constante potencial para o erro proposital ou inadvertido” (HUTCHEON, 1991, p. 152).

Assim, o drama dos portugueses (ex-colonos), que retornam como estranhos à pátria, é montado através da oscilação entre real e ficcional, do diálogo entre página quinhentista e contemporânea, numa mescla de passado e presente, isto é, a história está em aberto, em movimento, da mesma maneira como uma nau em alto mar (movimento de vai-e-volta). Essa imagem sugerida pelas naus (em movimento) indicia-nos a proposta de que, como a ficção, a história narrativizada faz: “remodela qualquer material (no caso, o passado) à luz das questões presentes, e é precisamente para esse processo interpretativo que a metaficção historiográfica nos chama a atenção” (HUTCHEON, 1991, p. 178).

Esse jogo com o tempo, esses deslocamentos atemporais que nos encaminham por épocas diversas podem ser vislumbradas no fragmento a seguir, quando é possível o encontro entre Pedro Álvares Cabral, Diogo Cão e Luís Buñuel, três personagens da obra:

Pedro Álvares Cabral, a quem o senhor Luís Buñuel cochichava constantemente um dia destes, vais ver largo esta porcaria toda e faço um filme que fica tudo aí de boca aberta, partiu na tarde seguinte, na furgoneta de uma loja de televisores, sem se despedir do filho nem da mulata, nem do fiscal da Companhia das Águas de Diogo Cão, decerto estirado na Residencial Apóstolo das Índias... (ANTUNES, 1988, p. 177-1778).

Podemos visualizar, pois, através dessas construções atemporais e anacrônicas uma obra que se estrutura em torno de duas histórias diferentes de um mesmo país: Portugal há cinco séculos e Portugal contemporâneo: ora é uma nação que tem como vitrine seus grandes feitos, ora é uma nação configurada num espaço dividido entre desempregados, mendigos, prostitutas, bêbados etc.

Nesse contexto, enquanto narra o retorno de heróis da navegação, desenvolve histórias relativamente independentes (quer paralelas, quer consecutivas), usando dos recursos da comicidade, da ironia. Percebemos que estamos diante, então, de uma visível ironia implacável no tratamento que dá as personagens, em que a denegação do sublime faz chegar ao grotesco, com um tom marcadamente amargo, como ilustra o fragmento:

O senhor Francisco Xavier, indiano de sandálias, recebeu-o no camarote do vestíbulo cercado de uma dúzia de indiozinhos, todos parecidos com ele, igualmente gordo e de sandálias, de tamanhos diversos como a escala de teclas de um xilofone. Cheirava a insônia e a pés, cheirava ao estrume do curral da miséria, e percebia-se o andamento de migração das nuvens pelos orifícios do reboco como se um morteiro destruísse os prédios (ANTUNES, 1988, p. 32).

Toda essa ironia e denegação que Lobo Antunes faz em sua versão parodística da história oficial lusa acabam por sinalizar a uma crise identitária que leva os seus “retornados protagonistas” a se destituírem da condição de heróis.

A (des/re) construção da identidade lusa

Ainda fazendo uso dos recursos que dispõe no procedimento parodístico, Lobo Antunes desmitifica figuras históricas, desauratizando-as da condição de heróis. As personagens são, pois, anti-heróis devolvidos séculos depois ao ponto de partida, “Lixboa, capital do reyno”. São estrangeiros, não reconhecem as terras como suas. Estamos diante, então, da desconstrução da identidade e do passado glorioso português. Lisboa agora é caótica, confusa; já não corresponde mais ao espaço de afirmação de sua identidade nacional, pois o que há é uma confusão Portugal e África (centros de referência para esses seres). Nas palavras de Lima: “Vive-se uma atmosfera de desesperança, onde o indivíduo parece ressequido até mesmo de sua alma” (2001, p. 319). Como consequência, temos homens desorientados, homens que foram senhores e agora não passam de simples retornados. São personagens com papéis frágeis, banais e despidos e glória.

Dentre as decomposições e decadências das personagens, podemos citar certas (des)caracterizações de algumas delas que, imergidas na banalidade do mundo moderno, aparecem no bojo da obra:

- Camões, amargurado às voltas com sua epopéia na gare de Alcântara;
- Vasco da Gama, reduzido à condição de jogador inveterado;
- Francisco Xavier, reduzido à condição bestial de dono de prostíbulo;
- Manoel de Sousa Sepúlveda, reduzido à condição de agenciador de prostitutas;
- Diogo Cão, reduzido à condição de beerrão inveterado;
- D. Manuel, descaracterizado usando uma coroa de folha de flandres com esmeralda de plástico e alcoolizado;
- D. Sebastião, esfaqueado em Marrocos, entre outros.

Em seu estudo *O romance Histórico Português* (1999, p. 293), M. de Fátima Marinho faz a seguinte observação acerca das personagens d’*As Naus*:

“A colocação de personagens com tais nomes (que imediatamente emergem do inconsciente colectivo português) em ambientes degradados e actuais, não só acentua o carácter irónico da evocação, como desmitifica um período da História nacional que raramente é tratado na sua relatividade histórica”.

Esse comentário de Marinho corrobora a idéia de que é através da irreverência, que Lobo Antunes coloca personagens tidos tradicionalmente como gloriosos em situações ridículas.

Como se pode observar, essa postura do autor português faz parte da tendência pós-modernista de confrontar os paradoxos da representação fictícia/histórica, do particular/geral e do presente/passado. E, ao apresentar-nos um discurso que mescla presente e passado, real e irreal, história e ficção, ele mostra-nos uma visão pessimista e negativa da sociedade portuguesa de nossos dias, pintada a tons carregados e amargos,

como comprova a seguinte passagem: “Pareceu-me que o Tejo cheirava ao odor de teu corpo quando acorda, indiferente ao meu amor por ti” (ANTUNES, 1988, p. 22).

Os retornados/protagonistas d’*As Naus* chegam a Lisboa praticamente sem nada, decepcionados, amargurados e sem futuro, numa existência onde o presente, tanto individual como coletivo, parecem já não estar em sintonia com o passado. Já não pertencem, tanto do ponto de vista geográfico e cultural, quanto do ponto de vista mental, a lugar nenhum. Ora, para muitos dos “retornados” d’*As Naus*, Portugal significava sociedade virada para um futuro entre as outras nações europeias, uma sociedade moderna e expansiva onde os retornados africanos representam um problema, e onde terão grandes dificuldades de integração.

Vemos, assim, os anti-heróis perdidos, desenraizados, distantes de seus próprios eus, configurando como sujeitos entrelocalizados, imersos numa crise identitária, como bem ilustram os seguintes trechos da obra de Lobo Antunes (1998, p. 56): “... e a mulher disse Não pertenço aqui num sussurro que provinha do interior de sua desilusão e da miséria, e repetiu baixinho Não pertenço aqui na exacta voz...” (...) “Não somos de parte alguma agora, respondeu o marido a designar o barco coroado de flâmulas...”.

Nesse sentido, defendemos aqui que as personagens são estrangeiras em sua própria seu próprio país. Estão, agora, com sua identidade questionada, não se sabe se é de Portugal ou de África. É essa descentralização que acaba por sinalizar a (re) construção de uma nova referência identitária (que antes era unitária, pautada nos princípios, fatos e conquistas heróicas portuguesas), agora é plural, já que mescla elementos socioculturais de dois espaços geográficos (Portugal e África). Temos, portanto, sujeitos híbridos, ambivalentes, apresentando uma identidade que não é fixa. Sobre isso, o crítico jamaicano Stuart Hall (1997), ao analisar as identidades culturais surgidas na era da globalização afirma:

Em toda parte, estão emergindo identidades culturais que não são fixas, mas que estão suspensas, em transição, entre diferentes posições; que retiram seus recursos, ao mesmo tempo, de diferentes tradições culturais; e que são o produto desses complicados cruzamentos e misturas culturais que são cada vez mais comuns num mundo globalizado. (...) Este conceito (*a Tradução*) descreve aquelas formações de identidade que atravessam e intersectam as fronteiras naturais, compostas por pessoas que foram *dispersadas* para sempre de sua terra natal. Essas pessoas retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado. Elas são obrigadas a negociar com as novas culturas. (...) As pessoas pertencentes a essas *culturas híbridas* têm sido obrigadas a renunciar ao sonho ou à ambição de redescobrir qualquer tipo de pureza cultural “perdida” ou de absolutismo étnico. Elas estão irrevogavelmente *traduzidas* (2005, p. 95-96, grifos do autor).

Em sua reflexão acerca das identidades, Hall advoga a inexistência de uma identidade única, autêntica, estável, coesa, fixa, mutável (concepção, aliás, que estabelece estreita relação com a visão iluminista de sujeito), mas afirma existir uma pluralidade de identidades. Alicerçado numa ótica pós-moderna, a identidade passa a ser concebida como algo mutável, fragmentado e descentrado em relação aos sistemas culturais “tradicionais”. Nessa perspectiva, portanto, o sujeito é composto de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas.

Dessa forma, é visível, no romance, esse cruzamento e essas misturas explicitadas por Hall, a partir do momento em que Lobo Antunes ridiculariza e ironiza a história portuguesa, dando-nos pistas de uma identidade múltipla, plural, que outrora fora

construída (através da coletivização dos feitos heróicos) no imaginário do povo como uma, mas que agora dessa forma não pode mais ser concebida.

Considerações finais

Como vimos, as personagens apresentam-se despaissadas por não saberem a que lugar pertencem, já que o passado não condiz mais com o seu momento presente: “indignou-se de novo ao verificar, espantado, a erosão sem cura que tempo procurara nela também, avariando-lhe as pernas de um mármore de varizes, aumentando-lhe as pálpebras, dissolvendo a cintura *e admitiu com desgosto que já não pertencemos nem a nós...*” (ANTUNES, 1988, p. 54, grifo nosso).

São várias as menções que comprovam a releitura paródica que Lobo Antunes fez em *As Naus*, na tentativa de desconstruir o conceito de Portugal e a especificidade de ser português para, a partir daí, permitir uma nova constituição identitária do sujeito luso.

Enfim, *As Naus* é uma longa e sólida metáfora que, em cerca de 250 páginas, rasura a história oficial portuguesa, mostrando que o que resta de poetas, viagens, descobertas, naufrágios, epopéias etc. é um Portugal “perdido”, entre presente e futuro, e que parece perder os vestígios de um passado altamente glorioso por seus feitos, tendo os seus habitantes submersos em um ambiente de luta identitária em busca de sua reconstrução. *As Naus* ainda poderiam ser vistas como uma coletânea de registros de retornados de África, resultante da descolonização pós 25 de abril. Noutras palavras, uma tentativa de dar, sob a forma onírica, o relato de Portugal, em que passado e presente se misturam.

Referências

- ANTUNES, António Lobo. **As Naus**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1988.
- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da Poética de Dostoievski**. 4. ed. São Paulo: Forense Universitária, 2008.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.
- HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo**: história, teoria, ficção. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- LIMA, Flávio Lourenço Peixoto. As naus: uma ficção de passado, presente e futuro. In: DUARTE, Lélia Parreira; OLIVEIRA, Paulo Motta; OLIVEIRA, Silvana Maria Pessoa (orgs.). **Encontros Prodigiosos**: anais do XVII Encontro de Professores Universitários Brasileiros de Literatura Portuguesa. Belo Horizonte: FALE/UFMG: PUC Minas, 2001.
- MARINHO, Maria de Fátima. **O Romance Histórico em Portugal**. Campo das Letras, Porto, 1999.